



A doutrina e os processos de guerra

Sua aplicação na America do Sul (*)

Pelo Ten. Cel. T. A. ARARIPE

SUMARIO

- I — INTROITO
- II — OJETIVIDADE DA PREPARAÇÃO PARA A GUERRA
 - Que guerra ?*
 - O problema militar específico*
 - Caso da Europa
 - Caso dos países Sul-americanos — guerra de várias modalidades.
 - Diversidade dos teatros de operações — objetivos de guerra — aspecto físico
 - Influência cronológica — progresso da indústria e da técnica.
- III — CONDIÇÕES PARTICULARES DA GUERRA NA AMÉRICA DO SUL
 - Como faremos as nossas guerras ?*
 - As opiniões precipitadas
 - Influência moral e política
 - Influência da técnica.

Regra básica da preparação para a guerra

(*) Conferencia pronunciada por ocasião da abertura das aulas do E. E. M.

IV — A DOUTRINA E OS PROCESSOS DE GUERRA NA AMÉRICA DO SUL

Quais serão a nossa Doutrina e os nossos processos de guerra?

Como aproveitar a experiência dos exércitos adiantados?

Do Gen. GAMELIN ao Gen. DE LAVALADE.

V — CONCLUSÃO

A regra basica de aproveitamento da Doutrina e dos processos

Adaptação inteligente — Flexibilidades nas soluções

O espírito da ação dos Chefes e dos oficiais de Estado Maior.

O ESPÍRITO DOS TRABALHOS DA ESCOLA DE ESTADO MAIOR

I — INTROITO

Iniciamos hoje as nossas atividades.

O termo iniciar não representa aqui o conceito próprio de “novidade”, por isso que na obra comum que hoje encetamos, longe de se vislumbrarem coisas novas, só se reafirmarão a *uni-dade* e a *contintuidade* de uma mesma *preparação* ou, se quisermos ser mais completo na idéia, de uma só *Educação Militar*.

Nesta marcha de aperfeiçoamento contínuo e progressivo, cujos primeiros passos remontam, não poucas vezes, de primeiras aspirações infantís, galgamos cada dia novos degraus e am-

pliamos o horizonte das experiencias, o qual se alarga em melhor compreensão dos fenomenos, se desdobra em maior raio de ação e se anuvia de responsabilidades crescentes. Do mais simples soldado aos chefes dos mais altos postos, como até aos homens de governo, ha ininterrupta corrente de esforços e de idéias, de atos primários e de concepções de largo alcance.

II — OBJETIVIDADE DA PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

Que guerra?

Todos os nossos esforços educativos, como os de organização, norteiam-se, em última analise, para uma só *finalidade*, uma *objetividade*, uma *realidade objetiva*, a *segurança nacional*, ou, no fraseados dos textos militares, “*a preparação para a guerra*”. Não ha como aceitar que êsses esforços não se orientem para um destino definido, uma aplicação concreta, para consequências e resultados eficientes. Mas que guerra? A guerra no sentido geral, indefinido? Uma determinada guerra? Guerras de várias modalidades? A guerra de ontem? A de hoje? A de amanhã? Como será a guerra do futuro? A guerra “à européia”? A guerra dos meios poderosos? A guerra sul-americana? A guerras de fracos recursos com processos tipicamente regionais?

Nessas interrogações enfeixam-se os juizos apressados de alguns profissionais, a insegurança dos que não encaram o conjunto dos fenomenos da guerra e as duvidas que se originam de anomalias mais aparentes do que reais na apreciação dos fatos geográfico-militares.

Não se prepara a guerra de maneira abstrata. Torna-se mesmo necessário combater a tendência pouco realista das belas concepções, sem fundo objetivo, obras do espírito puro, atraentes, perfeitas, harmoniosas, porém inexequíveis e inoperantes.

O problema militar específico

E' trivial que a segurança de cada país constitui um problema de espécie. Cada Nação tem o seu problema politico-mili-

tar nitidamente determinado pelo fator territorial e pela posição geográfica relativa, à estrutura física do país, à situação política externa, à potencialidade econômica e industrial, à mentalidade de sua população e em particular da elite que a dirige.

Caso da Europa

Na maioria das vezes, o problema se define pela predominância da situação política-geográfica e pela imposição do objetivo da guerra.

No caso da França, por exemplo, é aceitável dizer com "Altmeyer": "Preparamos especialmente uma guerra, a guerra do teatro de operações de NE., o Exército francês contra o seu mais provável adversário eventual, — o Exército alemão". A existência de fronteiras naturais com a Itália, Espanha e Suíça e a situação especial desta e da Bélgica dão caráter por demais secundário às medidas preventivas que as mesmas correspondem. O principal — o inimigo de NE. — domina quasi que inteiramente o problema.

Contudo, e na realidade, a França prepara as guerras na Europa e também as colônias. A sua doutrina encara êssas modalidades.

Caso dos países Sul-americanos. Guerras de várias modalidades

Será a mesma coisa no caso de um país de enorme extensão territorial, com grande desenvolvimento de fronteiras cada uma de condições diversas, cercado por vários países de situações diferentes e com variados teatros de operações?

Será possível, nesse caso, preparar uma só guerra?

Temos como prudente responder pela negativa.

Nestas condições que focalizamos, cada região geo-estratégica é um "mundo", distanciada uma da outra não só pelo espaço, como principalmente pelas condições econômicas, demográficas, de relevo, de estrutura do solo, de clima, de habitabilidade, etc.

Objetivos de guerra e os teatros de operações.

Em cada uma, os possíveis objetivos da guerra têm caráter diferente. Em todas elas, êstes, por demais afastados, parecem quasi inatingíveis. Em algumas, não vemos como dar golpe profundo e fatal na vida do país adversário, por isso que a simples conquista de territórios pobres, despovoados e quasi abandonados, não significa, salvo a influência moral, dano sensível à economia geral das grandes nações americanas. Noutras, porém, embora o afastamento seja fator de monta quanto aos resultados que se esperam da guerra, há sempre maior possibilidade de atingir os centros vitais do adversário em tempo mais ou menos longo. Desse modo, a exequibilidade dos objetivos eventuais da guerra, classifica as zonas geo-estratégicas segundo ordem de importância que se reflete na solução do problema militar referente a cada uma.

Influência do aspecto físico

Por outro lado, o aspecto físico e as condições de vida e das comunicações de cada teatro de operações estão a exigir dispositivos e processos estratégicos essencialmente adaptáveis às respectivas situações particulares.

Se, admitirmos por exemplo, que será possível adotar para uns os dispositivos e processos dos exércitos de massas, equipados inteiramente a européia, para outros, entretanto, não se passará do emprego de destacamentos ligeirados, verdadeiras colunas que atuarão isoladamente. Essa diferenciação de teatros de operações repercute também na organização, na tática e na logística. O que se prevê para terrenos descobertos, ligeiramente ondulados, de comunicações fáceis não terá aplicação em zonas cobertas, montanhosas, de penetração difícil, etc.

A par disso, a existência de imenso litoral marítimo, repartido em zonas de características diversas, torna ainda mais complexo e variados os problemas estratégicos, de organização, táticos e logísticos, no seu conjunto.

Para cada uma dessas regiões, de aspecto físico e condições

de vida contraditórios, a guerra se apresentará com necessidades diferentes.

Será preciso, portanto, preparar não uma guerra única, mas várias guerras de modalidades diversas. A organização da Nação para a guerra, tanto no sentido do funcionamento de seus órgãos vitais, como no consoante à doutrina da guerra, deve corresponder a todas essas modalidades.

Isso no ponto de vista geográfico.

Influência cronológica

Segundo o aspecto cronológico, sabemos que não preparamos a guerra de ontem, nem a de hoje mas a guerra do futuro. Os progressos da técnica são por demais rápidos. Os meios de luta modificam-se, aperfeiçoam-se, nascem e crescem ininterruptamente; modificam-se as condições económicas e industriais; tomam novos aspectos as manifestações morais e psicológicas das lutas. Os países que vivem sob o acicate da guerra iminente e que dispõem de organização militar completamente em dia com as próprias necessidades e os progressos da técnica preparam integralmente a guerra de hoje mas têm quasi integralmente realizada a preparação da guerra de amanhã. Contudo, não se iludem "Por mais desenvolvido que a êsse respeito seja o esforço da nossa imaginação, empregada de bom senso e escudada nos conhecimentos técnicos, a proxima guerra não será exatamente tal qual a tivemos previsto; o material ainda não experimentado em massa na ação fará surpresas; durante a luta êle desenvolve-se á rapidamente em número e quantidade; as condições morais e psicológicas da luta dependerão da situação política e social do momento" (Gen. Altmeyer — Tactique Générale). Na realidade êsses países acabam por preparar diferentes tipos de guerra: guerra de ação brusca e violenta, em que a manobra e a condensação de todos os meios de luta predominam; guerra de contemporização em que o exito deve vir de ações ainda não determinadas, etc.

Nos países de formação militar incipiente e em que as causas de guerra não parecem iminente, a preparação viza mais a

guerra de amanhã e a do futuro do que propriamente a de hoje. Os recursos disponíveis na hora presente, por demais parcós, não permitem uma solução completa, satisfatória e imediata do problema. Sem que se ponha de lado a possibilidade de aproveitamento compulsório desses recursos no estado em que se acham — porque, “quem não tem cão caça com gato”, — todos os esforços são orientados por espírito de larga previsão e também de antecipação.

O trabalho de preparação para a guerra orienta-se aí no sentido do progresso econômico, industrial e social da Nação e sem perder de vista o desenvolvimento rápido e contínuo da técnica de guerra. Naturalmente êle se decompõe em etapas sucessivas para bem concretizar os objetivos de realização prática, evitando-se o domínio do subjetivismo perigoso ou das fantazias ilusórias.

Considerada isoladamente no término de cada etapa, a guerra preparada se apresenta com aspectos diferentes ou como guerra de várias modalidades.

Assim, senhores, ainda nesse ponto de vista cronológico não se deve preparar uma só guerra, mas guerras de várias modalidades.

III — CONDIÇÕES PARTICULARES DA GUERRA NA AMÉRICA DO SUL

As considerações que acabamos de fazer para responder as perguntas formuladas nos levam a indagar:

Como faremos as nossas guerras? A guerra a européia? A guerra dos meios poderosos? A guerra sul-americana? A guerra dos fracos recursos com processos tipicamente regionais?

Opiniões precipitadas.

Ha quem pretenda estabelecer profunda diferenciação entre a guerra européia e a guerra sul-americana, negando a possibilidade de aplicarem-se aqui as concepções, a doutrina, os princípios e os processos estabelecidos para as guerras da Europa. Ha quem chegue ao exagero de pedir concepções, doutrinas, princípios e processos tipicamente regionais.

Aqui mesmo nesta Escola, certos oficiais que tomaram parte em lutas internas começaram por se insurgir contra a doutrina, ensinada sob pretexto de que ela não era cabível nos teatros de operações da America do Sul.

Lembro-me bem de um incidente de Vg. em determinada zona do Rio Grande do Sul, em que, por casualidade, o Comandante arguido era o mesmo oficial que aí se batera anos atrás.

Em um primeiro ímpeto, procurara resolver o incidente reproduzindo a gesto sumário do entrevêro, só admissível ante a carência completa do fogo inimigo. Gesto característico êsse que assinalava um estado de compreensão da doutrina de guerra, e esquecia que aqui só se prepara a guerra entre exércitos organizados e não contra grupos armados.

E' certo que os pequenos exércitos da America do Sul não podem copiar integralmente o que fazem os exércitos europeus, porem devem nestes se inspirar para criar procedimento adequado as respectivas situações particulares.

Pode-se pensar, como já referimos, que ha grande distancia dos campos de batalha européus, da densidade dos exércitos empregados, dos esforços pedidos às populações ao que poderá acontecer nesta parte do continente americano. Entretanto, assim não é.

A mór parte dos fenomenos da guerra, se reproduzirá, talvez em grau de intensidade menor, nas nossas operações. Mas nem por isso, cada um deles deixa de ter acentuada influência na preparação das guerras. A análise salientará as principais características dessa influência.

Influência moral e política.

Nos pontos de vista moral e político é preciso considerar:

- a ausência de mística verdadeiramente guerreira, como a possuem os povos européus, espicaçados pelos ódios raciais e lutas economicas;

- a vigência de grandes períodos de paz;

- o afastamento dos teatros da luta, o qual coloca a maior massa da Nação ao abrigo das repercussões diretas da mesma luta.

Daí a necessidade de preparação moral habil e capaz de contrabalançar a tendência “pacífico-comodista”, cujo primeiro indício é não acreditar na guerra.

Essa preparação talvez secundária na Europa, é obra que desde o início aqui se emparelha com a preparação material e técnica da guerra.

Influência da técnica.

No ponto de vista material ninguém se esquia aos progressos da indústria e da técnica militar. “*A multiplicação e o aperfeiçoamento dos engenhos de destruição(que colocam a maquinaria no primeiro plano entre os fatos de que depende a vitória; a ação esmagadora do fogo, eficaz a distâncias cada vez mais consideráveis; a extensão da luta no domínio aéreo, são fenômenos que imprimem à batalha moderna um caráter que independe dos efetivos, da situação geográfica ou da extensão dos teatros de operações”* (Curso de Estratégia — Gen. Spire).

Uma metralhadora, um morteiro, um carro de combate, uma granada carregada com iperite produzirão os mesmos efeitos aqui ou acolá; o raio de ação de um avião carregado de bombas não difere de um para outro continente.

Na guerra, seja onde fôr, vencerá quem dispuser de mais poderosos recursos, mais numerosos e aperfeiçoadas armas e quem melhor souber aplicar estas.

Tudo reside em possuir recursos e saber empregá-los. Entra, então, em cena a capacidade de realização e a possibilidade de utilização dos meios.

Nessa adoção de novos engenhos, convém ter em conta a observação do Marechal HAIG em suas correspondências: “O aparecimento contínuo de novas idéias reclamou maior atenção no sentido não somente de evitar seja repelida ou não estimulada uma invenção ou uma sugestão de valor, como ainda de moderar os entusiasmos dos especialistas e impedir que cada novo organismo adquira proporções exageradas em relação ao seu valor real”. Ex.: — motorização, aviação. O Cel. CRESPO, do Exército argentino, em “*La Nacion y sus armas*”, chama a aten-

ção para o exagero na adoção dos progressos da técnica: "O perigo das teorias e das atitudes pessoais está bastante enraizada em alguns exércitos jovens, devido ao abandono da realidade, ao desprezo do próprio meio e da prática dos exercícios de guerra em tempo de paz e sobretudo à tendência acentuada que existe nos hábitos das nossas predileções em nos sentirmos obrigados, por submissão mental ou espiritual, a adotar, sem mais aquela, o que se usa ou que costuma fazer nos exércitos distanciados do nosso ambiente e de nossas aptidões para conduzir a guerra mais rudimentar.

"Porém o que mais interessa ao precaver-se contra a sobrecarga orgânica, tanto nas grandes como nas pequenas unidades, é o fato de que, sendo cada dia mais perfeita a organização técnica das forças militares, mais exigentes e mais difíceis são o problemas das matérias primas, o das indústrias e o do reabastecimento.

"Devemos convir na necessidade de selecionar os meios e elementos, simples e em número reduzido, evitando-se a multiplicação e a adoção e quantos instrumentos se conheçam, de maneira que se possa realizar a organização de guerra em termos práticos e seguros; isto é, em tais condições orgânicas e de funcionamento que não prejudique a ação individual das tropas e ao movimento destas".

E continua: "É preciso estabelecer, como medida de segurança e acerto o equilíbrio entre a eficiência e o máximo das possibilidades operatórias, táticas e estratégicas. E como já disse acima, devemos medir e coordenar a eficiência das forças militares de acordo com a capacidade de produção do país; isso sobretudo na construção dos elementos mecânicos e meios aperfeiçoados, difíceis de serem produzidos no ambiente americano e cuja regulamentação completa e obrigatória parece superflua".

Conclui ainda: "Os atuais impedimentos dos Exércitos constituem verdadeiros obstáculos à manobra ativa e rápida que o futuro promete. É preciso saber neutralizar essa espécie de contra-sentido da ética da guerra selecionando, com inteligência e sentido objetivo, os meios e recursos para estar em condições de

suportar a luta e vencê-la, pondo de lado um aperfeiçoamento baseado em fórmulas empíricas e abstratas e uma organização idealizada com o que não podemos adquirir, nem manejar por isso que não está ao alcance de nossa capacidade profissional. Devemos agir com critério concreto e dar-nos por satisfeito em poder estabelecer e possuir efetivamente um instrumento que, se não é o melhor dos conhecidos, seja em compensação o melhor que possamos criar e possamos depois... manejar".

Essa prudência do abalizado autor argentino deve ser considerada nos devidos termos. Os exemplos históricos mostram que as conclusões acima não tem significação absoluta. A duração da guerra, por ex. lhes dá uma certa relatividade. A guerra da Secesão, como sabeis, já apresenta típico exemplo do que pode ser o aumento das forças materiais ativas dos beligerantes no próprio decurso da guerra e de como daí poderão resultar profundas modificações das regras e dos processos de guerra.

Na luta de vida e de morte, os contendores souberam criar meios poderosos, alguns ainda não previstos. Apareceram canhões gigantes para a guerra de sitio, canhões de trincheira, armas de repetição, metralhadoras, vagões couraçados, trens blindados, meios de transmissões e de observação novos, experiências de aerostação, novos obstáculos de fortificação passageira, etc., etc. ao mesmo tempo que se formavam exércitos com aparelhamentos tão adiantados quanto os seus congêneres da Europa.

A guerra do Chaco, por sua vez, já apresentou uma miniatura do fenômeno.

Os exemplos dados pelas conquistas imperialistas dos últimos anos afastam quaisquer ilusões e orientam os nossos sentidos não para os nossos vizinhos porem para povos ultra-mar, veseiros em pôrem a mão de ferro dos exércitos modernos, armadas e aeronáuticas poderosas, sobre os países que confiaram na defesa proporcionada pela própria natureza ou apoiados nas garantias da lei.

E no dia em que aqui se apresentarem êsses exércitos, essas marinhas e aeronáuticas, não queremos reproduzir a situação

em que se encontram os nossos ancestrais, opondo os seus taca-
pes e arcos aos arcabuzes, piques e rodizios dos conquistadores.

Regra básica da preparação para a guerra.

Não ha que fugir à *verdade* enunciada. Na guerra, seja onde fôr, vencerá quem dispuser de mais poderosos recursos, mais numerosas e aperfeiçoadas armas e quem melhor aplicar estas.

E só com Exército, Marinha e Aeronautica, inteiramente modernizados poderemos fazer a guerra e vencer.

Porem, senhores, como ha grande passo da atual escassez de recursos às necessidades máximas, será indispensavel seguir na solução do problema da guerra a diretriz adotada aliás por qualquer exército pobre ou rico — “*tirar o melhor partido do que existe, — por mais parcós que sejam os meios — porem preparar e realizar as evoluções futuras, mantendo-as principalmente em guarda contra as surpresas que essas evoluções possam ocasionar aos imprevidentes*”.

Semelhante espírito realista, porque atende às condições presentes e realizador porque não esquece as necessidades máximas, está de perfeito acôrdo com a prudência do Cel. CRESPO.

IV — A DOUTRINA E OS PROCESSOS DE GUERRA NA AMÉRICA DO SUL.

Apreciadas, embora sumariamente, as condições gerais que dizem respeito a preparação da guerra, e que, de algum modo delineam o ambiente em que esta se desenrolará, vejamos agora os aspectos prováveis de que se revestirá a sua execução nos teatros de operações que particularizamos.

Em outras palavras, analizaremos como se aplicam a êsses teatros a ciência militar e a doutrina de guerra dos exércitos mais adiantados.

Quais serão a nossa doutrina e os nossos processos de guerra?

Qual o espírito de nossa regulamentação tática e estratégica?

Desde já devemos reconhecer que, assim como ninguem se pode esquivar aos progressos da indústria e da técnica militar, também não é possível deixar à margem a experiência militar, consolidada no passado e sancionada nos tempos modernos por exércitos de vários feitos que atuaram em circunstâncias diversas.

De qualquer modo, os processos, que devem ser adotados neste ou naquele teatro de operações, nestas ou naquelas circunstâncias, fundamenta-se no que se fez e no que se faz algures.

Não podemos fugir à contingencia de aproveitar a experiência dos exércitos mais experimentados.

Como aproveitar essa experiência?

E se são várias as experiências, qual a que deve ser utilizada?

E' sabido, como muito bem acentúa o Gen. GAMELIN em uma das primeiras conferencias no Brasil, que, em Estratégia como em Tática, ha uma parte permanente — que podemos chamar de *Doutrina de Guerra* — e que resulta da essencia mesma da guerra, e uma outra que se transforma com os meios de que dispõem os exércitos em presença, como varia com os terrenos e os climas; são os processos de manobra e de combate.

Não se pode conceber o exército de 1918 combatendo como o de Austerlitz; e muito menos que se combata da mesma maneira contra alemães e contra marroquinos, na montanha como na planície na Champagne, como em Argognes ou nos Vosges. Essa variedade de processo torna-se mais evidente quando se apreciam as diversas frentes e vários teatros de operações de guerra de 1914-1918. Os teatros de operações, os recursos, as raças impuseram processos diferentes na França, na Polonia, na Galicia, na Transvania, na Rumania, na Servia, etc. Mesmo na frente ocidental os processos do início da guerra transformaram-se no periodo de estabilização, como adquiriram novos aspectos no período de movimento de 1918.

A própria regulamentação dos exércitos europeus dobrou-se a essa variabilidade e apresentou-se sempre com o grão de flexibilidade indispensável às adaptações dos meios novos e dos

processos às circunstâncias. Mesmo de longe, vemos, agora de um lado um partido realizar numa frente a guerra brusca, da ofensiva violenta e das manobras ousadas e ao mesmo tempo noutra frente soldar-se ao campo entrincheirado, à guerra de uzura, à estabilização; o outro partido, cujas aspirações tendem para a manobra e a guerra de movimento, aproveitar com vantagem as suas fortificações, no sentido de melhor reunião de meios e regressar de algum modo aos processos pouco desejados da estabilização de 1914/18.

Não pára aí o espírito de diferenciação dos processos. A documentação não se esquece de adaptá-los aos casos particulares de emprêgo nos Marrocos, Siria, Extremo Oriente, Indias, etc..

Qual será o sentido de adaptação dos processos aos teatros sul-americano?

O Gen. GAMELIN mostrando a persistência do conceito napoleônico, apezar do considerável progresso dos meios de guerra, chama a atenção para o caso particular do Brasil, quanto à Estratégia, sensivelmente diferente da da Europa contemporânea, pelo menos em relação as frentes principais.

Reconhece, contudo que se todos os meios da Estratégia não atingem aqui o mesmo grau de perfeição, a questão dos efetivos em presença intervém para equilibrar os fatores e manter a possibilidade da manobra.

Para ele “quando se tratar de verificar como os processos de guerra podem transformar-se nos nossos terrenos e para a guerra que teremos de fazer, será preciso considerar que os dados essenciais dos atuais processos de combate não se modificam. Haverá que atender apenas a modalidades”.

Quanto à Tática, acha que é uma questão de armamento e de terreno. Se os terrenos se parecem, os processos serão forçosamente parecidos, em conjecturas analogas, desde que o armamento seja da mesma natureza.

Nunca é demais chamar a atenção para a obra de adaptação iniciada entre nós por GAMELIN. Pode ter apresentado defeitos, como talvez na questão da artilharia, mas aproveitava o

que existia e balizava um degráo da organização desejada. Ainda hoje, quando se compararam as condições da época, se é forçado a reconhecer o senso de equilibrio da diretriz que o atual Generalissimo imprimiu à sua obra entre nós. Quanto mais se medita, mais acertado nos parece o caminho então traçado.

Outro chefe da M. M. F., o Gen. SPIRE preconiza a mesma ordem de idéias. A Tática que devemos empregar se baseia na experiência da guerra de 1914/18, porem, a Estratégia apresenta restrições. Analizando as questões de efetivos, frentes e os recursos da manobra, êle conclue:

“Assim, pois, quando quizermos imaginar as condições de uma guerra empreendida pelo Brasil e procurar esclarecer o futuro com ensinamentos do passado, devemos escolher os nossos exemplos não nas operações desenvolvidas na frente ocidental no decorrer das duas últimas fases, mas, sim, na primeira fase e tambem nos ensinamentos de outros teatros de operações diferentes do da França, como ainda nas demais guerras que não a mundial”.

Bate na mesma tecla o Gen. BAUDOUIN, mestre nesta Escola e posteriormente chefe da Missão: “No Brasil, onde os territórios são imensos e as fronteiras se extendem por milhares de quilômetros, onde a densidade das tropas em campanha não poderá comparar-se absolutamente à das tropas europeias empregadas no correr da Grande Guerra, parece, desde logo, que o caracter das operações se aproximará o daquelas que se realizaram na frente oriental da Europa.

O movimento, isto é, a mobilidade e as aptidões manobreiras das tropas terão capital importancia; mas não se deve esquecer que sempre haverá batalha em pontos importantes e que as batalhas serão ações de destruição em que o fogo desempenhará papel preponderante”.

Outro mestre insigne, o Cel. CORBE' disse nesta sala, de forma concisa: “No Brasil deveis empregar, não a tática européia dos grandes efetivos em teatros de operações restritos, mas a de pequenos efetivos nos grandes espaços”.

Ainda recentemente, o Gen. NOËL aqui estudou a forma da manobra brasileira, assim estereotipada:

- | | | |
|---|---|--|
| <p>Fatores: grandes intervalos,
exércitos poucos numerosos</p> <p>Procesos: material moderno
— capacidade de resistência
— engajamentos bruscos e irregulares
— lento deslocamento das reservas (falta de estradas e meios de transportes)
— fácil direção das colunas
— difícil dosagem
— capacidade de durar.</p> | } | <p>characteristicos das guerras napoleonicas.</p> <p>Características da guerra napoleônica e também da guerra moderna.</p> |
|---|---|--|

Mais recentemente ainda o Sr. Gen. DE LAVALADE procurou aqui responder à pergunta:

“Convém a tática que ensinamos com propriedade ao caso do Brasil?”.

Em seus argumentos, ele expõe a convicção de que “a doutrina francesa (não diz que convém melhor ao exército brasileiro do que ao francês) se adapta melhor a um teatro de operações brasileiro do que a um francês”. No ponto de vista da manobra, a tendência da regulamentação francesa, — o General insiste sobre a ausência das frentes contínuas, na existência dos intervalos e nas vantagens da manobra.

V — CONCLUSÃO

Regra básica do aproveitamento da doutrina e dos processos.

De propósito arrolei as opiniões dos nossos mestres. Elas seguem uma única diretriz: a necessidade da adaptação dos processos às nossas condições particulares. Adaptação essa que tem como protótipo a traçada inicialmente por GANELIN, de todos êles o que melhor apreciou as nossas condições particulares, dada a sua longa permanência entre nós e aos estudos demorados.

Nessas opiniões encontra-se definida a regra de aplicação da ciência ou arte militar nos nossos teatros de operações:

- respeitar a *Doutrina* — a parte permanente (ou menos variável) da experiência da guerra;
- utilizar os *processos*, tanto na Organização, como na Tática, como na Estratégia, escolhendo e adaptando os mais adequados às circunstâncias particulares ao meio e às modalidades da guerra em cada teatro de operações, encarando quer o caso de se dispor de aparelhamento completo, quer também o de se possuirem recursos deficientes e muito aquém das necessidades. É preciso, repito, encarar a guerra do rico, dos mais poderosos, mas não abandonar a eventualidade da guerra com recursos reduzidos.

Não se trata de copiar servilmente nenhum regulamento, nem nenhuma organização, mas de adaptar, com inteligência.

Não se trata de aceitar cegamente opiniões alheias, mas de analizá-las, compreendê-las para aplicá-las com critério pessoal.

Adaptação inteligente

Flexibilidade de espírito na aplicação dos processos de guerra. Eis a pedra de toque dos nossos estudos, das nossas concepções e das nossas realizações. Como vimos, a diversidade dos teatros de operações eventuais e a situação ocasional dos meios de guerra impõem soluções várias para cada caso, as quais, por sua vez, terão que se modificar à medida dos progressos do país e do aumento de possibilidades das organizações armadas.

Essa imposição de flexibilidade nas soluções de ordem geral define o *espírito* que deve orientar a ação do oficial de Estado Maior e dos Chefes, em todas as manifestações de sua atividade. Ela constitue uma das grandes preocupações do trabalho desta casa.

- onde se respeita e se consolida a *Doutrina*,
- se exercita o *raciocínio* que conduz às soluções lógicas,
- se pratica a *adaptação* dos meios e dos processos às circunstâncias, e se cultiva o senso das *possibilidades* e da *realidade*.